

HISTÓRIA ADMINISTRATIVA

Notas para a história da reforma administrativa no Brasil

LUÍS CARLOS JÚNIOR

1.^a PARTE

Panorama Geral anterior a 1930

CAPÍTULO XXVII

24 de outubro

QUEM, confiante na propaganda do Governo, se recolheu tranqüilamente na noite de 23 de outubro de 1930, esperando retornar, no dia seguinte, às suas atividades habituais, estava longe de imaginar as surpresas que a manhã de 24 lhe ia reservar.

A situação, ao contrário do que afirmavam ou supunham os arautos do oficialismo, atingiria a mais extrema gravidade. Notícias chegadas do Sul à guarnição desta Capital, informavam que os gaúchos, tendo à frente o Sr. Getúlio Vargas e todos os cardeais da política dos pampas, dirigiam-se, em marcha-forçada, sobre São Paulo, que pretendiam acometer. Estava iminente uma carnificina em grandes proporções, de resultados imprevisíveis. Não se tratava, dessa vez, de pequeno movimento regional, cuja jugulação fôsse, como sempre, fácil ao Governo. Não era mais um motim, um levante, um pronunciamento militar circunscrito a determinada zona. Era uma revolução autêntica, com ramificações em todos os pontos, de âmbito nacional, em que o povo confraternizava com as classes armadas e engrossava a onda que convergia para o Catete.

Diante da verdade irretorquível dos fatos, que apontavam claramente a insanidade de qualquer resistência, os oficiais generais da guarnição militar do Rio de Janeiro, até então fiéis ao poder constituído, resolveram, em sua quase totalidade, aderir à revolução praticamente vitoriosa em vários pontos do país.

Havia, porém, elementos que, apesar da evidência da situação, teimavam em manter fidelidade ao Governo da República.

Sem completa unanimidade da Tropa eram inevitáveis a efervescência e a confusão que logo começaram a lavar pela Capital, cuja pacata população dormia, confiante na ação das autoridades.

Ao amanhecer de 24 de outubro a situação não era ainda definida. O povo que saíra para as suas ocupações habituais teve, porém, de regressar a casa, pois, em face da atmosfera extremamente carregada da cidade, os estabelecimentos fabris e comerciais se mantinham prudentemente fechados e as ruas apresentavam aspecto assustador, cheias de tropas indo e vindo com desígnios desconhecidos.

Pouco a pouco, entretanto, a situação se aclarava. Algumas notícias partidas de boas fontes começavam a difundir a vitória da revolução com a deposição do Presidente Washington Luís, em dramática cena no Palácio Guanabara, onde um grupo de generais fôra cientificá-lo do resultado final dos acontecimentos.

Conta-se que êsses generais, ao se defrontarem com o Chefe de Estado que acabavam de depor, receberam dos próprios lábios de S. Ex.^a ordem de se recolherem presos aos respectivos corpos de tropa, ao que, dignamente perfilado, teria retrucado o General Tasso Fragoso sentir declarar que ao contrário, no momento, era o próprio ex-Presidente quem ficava prêso à disposição dos generais.

A notícia da deposição do Presidente Washington Luís e da vitória total da revolução trouxe para as

ruas do Rio uma multidão delirante inclinada a excesso de toda natureza. Organiram-se, para logo, pequenos grupos de exaltados, dispostos a vinditas com que jamais haviam sonhado. Quem sofrera uma decepção, tivera uma pretensão não atendida, um requerimento indeferido, um recalque qualquer, em suma, saiu para as ruas disposto à forra a que se julgava com direito. Aproveitando-se da impotência da polícia, que, aliás, a princípio não sabia a quem obedecer ou a quem contentar, um povaréu desatinado espalhou-se pelas ruas procurando assaltar ou depredar tudo quanto parecia relacionar-se com o situacionismo deposto. As residências dos ministros e dos altos figurões decaídos, todos, de resto, postos a bom recato, foram logo procurados. Algumas repartições públicas como a Polícia Central, ponto de convergência de ódios e paixões, chegaram a ser invadidas, sofrendo os seus arquivos danos de monta. Dos jornais governistas não ficou um para relatar no dia seguinte os acontecimentos. "A Noite" e "O País" eram os mais visados. Enquanto, na Praça Mauá, um grupo, de lenço vermelho ao pescoço, empastelava as máquinas e inutilizava os móveis da redação daquele vespertino, outro grupo, mais enérgico ainda, na Avenida Rio Branco, esquina da Rua Sete de Setembro, depois de depredar todas as dependências do antigo matutino de João Lage e Alcindo Guanabara, ateara fogo ao edifício, cuja construção antiga era de fácil combustão. As chamas, em pouco tempo, lambiam todo o vasto prédio, e a multidão delirante que enchia a Avenida, num Carnaval vermelho, extasiava-se com o espetáculo. De todos os lados, ouvia-se num simbolismo indiscutível: — Incên-

dio no País! O País pegou fogo! Olha o fogo no País!

A essa hora já teria sido, entretanto, possível evitar tais excessos populares. Já havia um Governo constituído, o qual, se bem que provisório e precaríssimo, dispunha de autoridade.

Depois de consumada a deposição do Presidente Washington Luís, reconheceram os orientadores do levante desta Capital, a necessidade do estabelecimento imediato de um Governo, que, do Rio de Janeiro, se entendesse com as correntes revolucionárias do interior do País, comunicando-lhes os acontecimentos e concertando um programa para os dias mais próximos. Na véspera, nenhum dos generais envolvidos nos fatos, pensara na hipótese de assumir, no dia seguinte, o Governo da República. O movimento, no Rio, não tivera, propriamente, um Chefe. Fôra uma obra de conjunto, imposta pelas circunstâncias inspirada no sentimento da salvação nacional e na pacificação da família brasileira. O levante não fôra para combater, mas para pacificar, e, por isso, quando os dirigentes militares se viram na contingência de formar imediatamente um Governo, a idéia de paz foi a predominante e a denominação escolhida para o triunvirato foi a de "Junta Pacificadora".

Compunham a Junta Pacificadora, constituída no Rio de Janeiro, a 24 de outubro de 1930, em nome das classes Armadas para dirigir a Nação até posterior pronunciamento e articulação com as correntes revolucionárias do interior, os Generais de Divisão Augusto Tasso Fragoso e João de Deus Mena Barreto e o Vice-Almirante Isaias de Noronha.